

O DISCURSO ORAL E AS ORAÇÕES DE TEMPO

Maria Luiza BRAGA¹

- **RESUMO:** Neste artigo, examinei as orações de tempo no português do Brasil. Inicialmente considerei as diferentes configurações estruturais da relação proposicional de tempo e algumas de suas propriedades. A seguir, usando frequência como um critério, defendi que a anteposição constitui a ordem não-marcada no registro falado. Finalmente analisei as correlações entre posição e papel discursivo das orações em pauta. Mostrei que aquelas que aparecem antepostas à oração núcleo criam a estrutura temporal para o estado de coisas a ser codificado pela oração seguinte. Mostrei que a esta função podem se sobrepor outras, tais como sinalização de mudança na orientação discursiva e delimitação de tópico discursivo. Finalmente mostrei que aquelas em posposição qualificam, tornam mais preciso o conteúdo proposicional codificado pela oração núcleo. O fato de a maioria das orações em posposição ter sido concebida como adendo explica o padrão entonacional típico das seqüências oração núcleo + oração de tempo.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Orações de tempo; anteposição; posposição; função discursiva.

Introdução

As abordagens funcionalistas em lingüística, dada sua concepção de linguagem como instrumento de comunicação, priorizam a investigação do texto. Este é concebido como uma unidade semântica (Halliday, 1985) e para ele, em princípio, a questão da dimensão não deveria se colocar. Todavia, como a grande maioria dos textos se constitui de dois ou mais enunciados, torna-se crucial entender a maneira

¹ Bolsista do CNPq, Processo n. 350084/92-0 – Departamento de Lingüística – Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp – 13081-970 – Campinas – SP.

como estes se combinam. A este respeito numerosas questões podem ser levantadas: podem as partes que compõem uma sentença ser intercambiadas livremente ou existe uma ordem preferencial para cada tipo de oração? Assumindo que haja uma ordem não-marcada, como explicar as ocorrências marcadas? Quais as diferenças gramaticais entre orações coordenadas e subordinadas? Podem as relações semânticas ser sinalizadas independentemente de uma conjunção?

Neste artigo procuro responder às duas primeiras perguntas, restringindo-me às orações de tempo. Ele consta de três partes: na primeira, considero as diferentes codificações estruturais desta relação proposicional;² na segunda, identifico a ordem neutra das orações de tempo e explico as ocorrências que fogem a este padrão; na terceira, a conclusão é apresentada.

As codificações estruturais da relação proposicional de tempo

A relação semântica de tempo admite diferentes codificações estruturais. Pode ser expressa por uma oração adjetiva cujo núcleo é um item que indica tempo (1), ser transmitida por oração reduzida de gerúndio e de infinitivo (2), e por oração desenvolvida introduzida por conectivo subordinativo (3), como atestam os exemplos abaixo:

- (1) F: Então as preocupações são muito-ah-de todo dia, levanta, tem que procurar comida. Não tem ninguém para servir café pra ele *na hora que ele levanta*. (SP-EF)
- (2) F: ... Agora ... é engraçado que *você saindo do Brasil ...*, a gente sente uma falta muito grande dessa parte de verduras. (RJ DID)

F: Uma das coisas fundamentais de qualquer preparo de prato, eu pelo menos acho assim, quer dizer, é minha opinião, é que as pessoas, *ao comerem, ao saborearem um prato*, fiquem perguntando como é ~como foi feito. (POA D2)

2 O conceito de relações proposicionais remete a Mann & Thompson (1986) que as caracterizam como as inferências, as relações semânticas que emergem da contigüidade de duas orações ou porções discursivas maiores. As inferências em questão podem ser sinalizadas ou não por conectivos

- (3) F: O estudante quando sai daquele curso... é um curso bem menor, menos tempo, *quando ele sai daquele curso*, ele está pronto para algumas atividades. (SAL DID)

A relação de tempo também pode ser inferida em seqüências de orações coordenadas, interligadas por *e*. Esta conjunção parece sinalizar apenas que mais material lingüístico vai ser apresentado (Chafe, 1992; Schiffrin, 1987) e é este despojamento semântico que facilitará a atribuição de uma leitura temporal a combinações como a seguinte. Observe que a eliminação da conjunção não destruiria a interpretação de tempo:

- (4) F. Então o que-que- *Você olha pro mundo...* você olha e vê que Nietzsche tinha razão. (REC D2)

Os tipos exemplificados acima diferem quanto à frequência. Com efeito, os falantes privilegiam a codificação da relação de tempo por meio de orações introduzidas por conectivo subordinativo temporal, a estratégia mais produtiva no discurso oral (Braga, 1995) Neste trabalho me restrinjo a esta.

A abordagem gramatical tradicional inclui as orações iniciadas por conectivo subordinativo temporal entre as subordinadas adverbiais. A título de exemplo, observe a caracterização semântico-formal de Rocha Lima e a caracterização funcional-formal de Cunha:

É papel da oração temporal trazer à cena um acontecimento ocorrido antes de outro, depois de outro ou ao mesmo tempo que outro Para cada um desses aspectos possui a oração temporal, quando desenvolvida, conjunções apropriadas (1965, p 283)

(as orações subordinadas adverbiais) funcionam como adjunto adverbial de outras orações e vêm normalmente introduzidas por uma das conjunções subordinativas classificam-se em temporais, se a conjunção é subordinativa temporal. (1976, p 409-12)

Matthiessen & Thompson (1988) questionam classificações semelhantes a estas. Alegam que as chamadas subordinadas adverbiais, diferentemente das subordinadas encaixadas que funcionam como um constituinte da oração matriz, não se comportam como um advérbio ou adjunto de sua oração "principal". Segundo eles, estas orações não podem ser substituídas por um SPREP que preserve o mesmo sentido:

When we replace one of them with a prepositional phrase in context, trying to preserve part of the meaning, we will typically find that the complement of the preposition is a nominalization, not an ordinary noun, and this is quite significant. (p 280)

Além do mais, continuam, elas podem se combinar ou com uma única oração ou com uma seqüência de orações. No primeiro caso, ainda se poderia falar em uma função de advérbio, mas não no segundo:

When one clause combines with just one other clause, it may seem to function as an adverbial, although it does not. But when one clause combines with a combination of clauses, it is quite clear that there is no single clause it could be an embedded constituent part of. (p.280)

Tais características, na opinião deles, justificam uma distinção entre orações encaixadas, por um lado, e combinação de cláusulas (*clause combining* ou *clause complex* na terminologia de Halliday). Reiteram Halliday e sua tipologia de orações. Estas podem se classificar segundo o *grau e modo de interdependência*. Quanto ao *grau de interdependência*, podem ser incluídas entre as estratégias de hipotaxe ou de parataxe; já quanto ao *tipo de interdependência*, podem ser classificadas como *projeção* ou *expansão*. A última categoria, *expansão*, por sua vez, compreende as ocorrências de *elaboração*, *extensão* e *realce* (*enhancing*). As orações de tempo que me interessam são enquadradas na categoria *hipotaxe de realce* (*enhancing hypotaxis*) que é assim conceituada:

enhancing hypotaxis refers to hypotatic clause combining involving some kind of circumstantial relation like condition, reason, purpose and other kinds of cause, time, space, and means: one clause enhances another clause circumstantially. (p.283-4)

Examinei os dados do português oral à luz dos argumentos apresentados por Matthiessen & Thompson (1988) e verifiquei que eles se sustentam parcialmente. Com efeito, a substituição da oração de tempo por um SPREP é restrita e leva em consideração o tipo de predicado. Ela é facultada pelos verbos relacionais e existenciais (Halliday, 1985) e é bloqueada nos outros casos.³ A seguir apresento uma das poucas ocorrências em que a paráfrase foi possível:

- (5) *Quando era no meu tempo, a gente andava de bicicleta (POA DID).*
No meu tempo, a gente andava de bicicleta.

Quanto ao segundo argumento, vale mencionar que em português também encontrei ocorrências em que uma oração de tempo se vinculava não a uma outra oração mas a uma seqüência de orações, como ilustra o trecho seguinte:

³ Na grande maioria dos casos, a oração de tempo é parafrazeável por um SPREP cujo núcleo é uma nominalização.

- (6) Inf: Não, elas gostam, às vezes quando elas têm tempo assim, elas pegam uma turminha, elas então pedem licença aqui no colégio Maria Goretti aqui de cima e vão joga(r) vôlei no domingo. (DID, POA)

Em outras ocorrências inverteu-se o escopo, isto é, uma sequência de orações de tempo vincula-se a apenas uma oração núcleo, como ilustra o trecho seguinte. Observe que a conjunção da segunda oração de tempo não vem explicitada, cabendo ao ouvinte recuperá-la:

- (7) Inf: ...foi buscar umas galinha e trouxe tudo dentro de um saco; encheu dois saco(s) de galinha(s). Quando ele chegou em casa e começou a tira(r) aquelas galinha, era só galinha morta que saia... (DID POA)

Há ainda uma terceira opção, que consiste na vinculação de duas seqüências de orações, uma delas consistindo de orações de tempo.

- (8) isso a gente, nós já explicamos em classe... porque quando ele vai afe-
rir ou vai investigar, experimentar o ho:mem... não é o que o homem
diz... do experimento do laboratório... mas sim o que o homem está
realmente pensando... porque você pode estar pensando uma coisa
e dizendo outra. (EF REC)

Estas diferentes possibilidades de combinação, embora relevantes, não serão aprofundadas aqui. Vale ressaltar, todavia, que elas atestam a complexidade dos processos sintáticos da fala, corroborando a afirmação de Halliday, qual seja, a de que

the potential of the system is more richly developed, and more fully revealed, in speech ... much of what the written language achieves lexically is achieved by the spoken language through the grammar. (1985, p XXIV)

No discurso oral do português as orações de tempo são introduzidas principalmente por *quando*. Nas amostras de fala em análise,⁴

4 Os dados que integram a amostra em que fundamentei minha análise foram extraídos das transcrições de fala que constituem o acervo do Projeto NURC. Foram investigados 15 (quinze) minutos de fala dos seguintes inquiridos:

	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador
DID	328	234	045	131	231
D2	355	360	291	005	098
EF	379	405	278	337	049

encontrei quatro ocorrências que fogem a este padrão duas de *enquanto*, uma de *antes que* e uma de *logo que*. Aparentemente foram motivadas pela necessidade de precisar a informação codificada pela sentença de tempo, como ilustram os trechos seguintes. Assim a locução *logo que*, em (9), sinaliza a estreita proximidade temporal dos dois eventos, proximidade que se diluiria caso esta locução fosse substituída por *quando*. O trecho (10), por sua vez, ilustra uma das ocorrências de *enquanto*. Observe que este exemplo como que “fotografa” a luta do falante em sua busca por uma formulação mais adequada dos conteúdos cognitivos que quer transmitir. Assim uma sequência iniciada por *quando* é abandonada em favor de uma oração introduzida por *enquanto que*, por sua vez, é parafraseada por uma outra que recupera o *quando* relegado.

- (9) F: AI achei fabuloso cenário de Hair, uma maravilha. Faz tempo que eu assisti *logo que começou eu fui* achei um cenário uma coisa ah. Ótima. (DID SP)
- (10) F: ainda fez uma subdivisão, ela não é de maior importância mas vale a pena apenas para, a título de esclarecimento, de maior compreensão. *Quando*, enquanto o indivíduo compreende, *quando ele compreende*, ele pode fazer de três maneiras: translação, interpretação e extrapolação. (EF SP)

A articulação entre a oração de tempo e a oração núcleo⁵ pode propiciar outras leituras, tais como simultaneidade e recorrência, ilustradas, respectivamente, em (11) e (12).

- (11) F: E a gente gostou tanto que ficava todo dia jogando. Lembro um dia que nós passamos no hotel, mas a gente não jogava a dinheiro nada, so assim na brincadeira. então passou tinha uma velha, umas senhoras de mais idade que nos viram sempre jogando, *quando nós passamos* elas disseram assim: essas viciadas. (DID PO)
- (12) F: a Lázinha, ela vai na praia eu acho que durante o veraneio todo, com a possibilidade inclusive de comer peixe fresco, come *quando eu levo*. (D2 POA)

Os exemplos acima mostram que as aceções temporais que podem ser inferidas da combinação *oração de tempo + oração núcleo*

5 Usarei a expressão “oração núcleo” em vez de “oração principal” porque inexistem definições satisfatórias de oração principal. Tal rótulo e emprego encontram respaldo em Matthiessen & Thompson (1988) e Hopper & Traugott (1993).

independem do conectivo que as introduz. Elas dependem mais crucialmente dos traços lingüísticos da sentença em si ou do contexto maior em que se inserem. O trecho (11), por exemplo, apresenta as características típicas das narrativas de experiência pessoal: orações com verbos no aspecto perfectivo, dispostas numa sequência temporal que presumivelmente reproduz a ordem dos acontecimentos, como eles ocorreram ou teriam ocorrido (Labov, 1972). Já em (12) é o aspecto imperfectivo que garante a leitura de recorrência e, principalmente, de condição. *come, sempre que eu levo, come se eu levo*

Uma vez caracterizadas as orações de tempo, passo a considerar sua localização ante a oração núcleo com que se combinam.

A posição das orações de tempo

As orações de tempo foram distribuídas em três subgrupos conforme viessem antepostas, intercaladas ou pospostas à oração núcleo com que se articulam.⁶ Dois objetivos motivaram tal procedimento: a identificação da ordem não-marcada das orações de tempo no discurso oral e a explicação das ocorrências que fugiam ao padrão neutro, aspectos que passo a considerar a seguir.

Para a identificação do valor não-marcado de uma categoria têm sido propostos critérios diversos. Lyons (1977), por exemplo, assevera que a forma não-marcada tem um sentido mais geral ou uma distribuição mais ampla do que a forma marcada. Crystal (1988) refere-se às várias interpretações desta noção e aos diferentes critérios associados a ela: frequência de ocorrência, caráter mais específico de um item lexical, em se tratando de análise semântica, e distribuição mais restrita de um dos membros da categoria. Mais recentemente, Croft

6 As ocorrências de cada subgrupo foram posteriormente estudadas e classificadas segundo admitissem ou não mudança potencial da ordem da oração de tempo, como mostram os exemplos abaixo:

Inf: *Quando terminaram de arrumar a canoa, já estava na hora de vir embora.*

Já estava na hora de vir embora *quando terminaram de arrumar a canoa* (DID POA).

L2: mas eu não vejo televisão já lhe disse; eu só vejo televisão *quando tem futebol.*

*mas eu não vejo televisão já lhe disse; *quando tem futebol* eu só vejo televisão (D2 REC 005 p.9).

Os resultados estatísticos revelaram que não há diferenças significativas entre estes tipos de oração no que tange às propriedades morfossintáticas e tipo de predicação.

(1990), baseando-se em Greenberg e visando a classificações tipológicas, sugere critérios estruturais, behaviorais e distribucionais, além do valor neutro.

Os critérios referidos acima foram postulados tendo em vista categorias dos níveis fonológico e morfossintático, o que explica as escassas referências a sua aplicação a categorias de nível sintático. Uma formulação voltada para categorias sintáticas, discursivas e conversacionais é encontrada em Givón (1995), que arrola três critérios: complexidade estrutural, frequência e complexidade cognitiva. Embora mais promissores, tais critérios são de aplicação problemática, pois, como o próprio autor reconhece, faltam ainda dados confiáveis sobre complexidade no que tange a fenômenos relacionados à ordem.

Ante a situação já mencionada, optei por fiar-me em *frequência*, critério arrolado por todos os autores. Os resultados para a distribuição estatística das orações de tempo são apresentados abaixo:

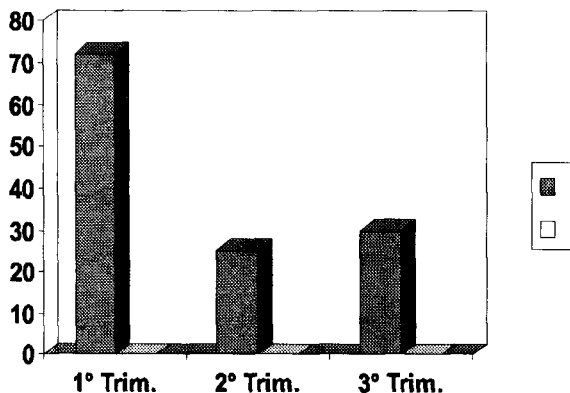


GRÁFICO 1 - Orações de tempo e posição.

O Gráfico 1 mostra que a anteposição constitui a ordem neutra. As ocorrências de posposição são mais raras e as de intercalação praticamente inexistentes.

Meus resultados divergem dos obtidos por Crocchi (1996) para a escrita. Neste registro, a posposição constitui a ordem marcada. Tais divergências, a meu ver, explicam-se pelas diferentes necessidades a que devem atender o discurso oral e o escrito. É provável que o primeiro requeira maior ancoragem temporal e o segundo uma delimitação mais precisa da asserção codificada pela oração núcleo. Estas diferenças vêm corroborar as descobertas de Decat (1993), que já salientara que a posição das orações hipotáticas de realce é sensível ao registro. Após a investigação de um *corpus* constituído por narrativas, orais e escritas, e dissertações, também orais e escritas, produzidas pelos mesmos falantes e versando sobre o mesmo tema, concluiu ela que, com relação à oração de tempo, no discurso narrativo escrito predominam as posposições enquanto no narrativo oral, as anteposições.

Uma vez identificada a ordem neutra das orações de tempo, passo a considerar as questões relacionadas a posição. Parece desnecessário recordar que a manipulação da ordem dos constituintes, oracionais e não-oracionais, não é motivada apenas por razões estilísticas ou idioletais. Como lembram Bates & Macwhinney (1987), qualquer língua natural precisa codificar uma grande variedade de funções, valendo-se apenas dos recursos limitados do canal acústico-articulatório. Ao manusear a ordem dos constituintes, o falante, de uma certa forma, subverte tais limitações e consegue sinalizar significados, leituras, sutilezas que não se deixam apreender tão-somente pelo conteúdo referencial dos itens lexicais.

A ordem dos constituintes se explica frequentemente quando se atenta para seu *status* informacional. Esta correlação, inicialmente investigada por Mathesius (apud Firbas, 1964, p.268) nas primeiras décadas deste século, continua a ser estudada pelos funcionalistas das várias correntes. Halliday, por exemplo, defende a íntima inter-relação entre posição e *status* temático e propõe que o tema seja identificado a partir de critérios posicionais. "*we signal that an item has thematic status by putting it first... whatever is chosen as the Theme is put first*" (1985, p.38)

Buscando explicar a ordem em que podem aparecer os constituintes, Bates & Macwhinney asseveram que

units particularly high in information value tend to be placed in high-priority, salient or "privileged" points across a sentence since the beginnings and ends of

utterance units are more salient and perceivable than middle positions, highly informative elements will tend to be placed at the beginnings or ends regardless of their "natural" order in the real-world events being described. (1987, p 215)

Quais critérios, no entanto, provariam que começos e fins são mais salientes e perceptíveis? Em outras palavras, que critérios independentes e não-circulares poderiam comprovar a importância da primeira e última posições?

Ao investigarem a ordem das chamadas subordinadas adverbiais, em inglês, Thompson (1984) e Ford (1988) afirmam que a diferente localização das orações de tempo se correlaciona com papéis textuais diferenciados. Aquelas que aparecem antes da oração núcleo criam o pano de fundo, a orientação temporal para os eventos que serão referidos nas seguintes. Já aquelas que aparecem pospostas delimitam, restringem a asserção codificada pela oração núcleo.

A distribuição dos dados do português oral parece corroborar esta hipótese. Também nesta língua as orações de tempo em posição inicial criam molduras temporais, quadros de referência a partir dos quais se desenvolve uma sequência tópica, como mostraram os exemplos acima.

As orações em tela podem, porém, agregar outras funções à circunscrição temporal para um estado de coisas a ser codificado pela oração núcleo. Elas podem, por exemplo, sinalizar uma mudança na orientação do discurso que vinha sendo desenvolvido. Indicam, então, simultaneamente à ancoragem temporal, que um novo episódio, um novo argumento, uma nova sequência está se iniciando. Funcionam, pois, nestes contextos, como marcadores lingüísticos de começo de "parágrafo" (Grimes, 1975, Hinds, 1977; Longrace, 1979). O exemplo abaixo ilustra este funcionamento:

- (13) Inf. Eu era aluna da Maria Ulivena...então para mim era uma novidade né? teatro porque só estudando estudando estudando *Quando chegou o balê russo aqui em São Paulo* eles pediram que as alunas da Prefeitura que éramos nós aquele grupo todo fosse fazer cena num dos números e... (DID SP)

Ocasionalmente as orações de tempo em posição inicial comportam-se como tópicos chineses. Servem neste caso, usando as palavras de Chafe, para estabelecer "*a spatial, temporal, or individual framework within which the main predication holds ...*" (1976, p.50-1).

O fato de funcionarem apenas para estabelecer "the frame within which the sentence holds" explica a frouxidão das relações com a oração seguinte, como exemplifica o trecho a seguir

- (14) L1 acho que comer bem está exatamente uma postura na mesa, tranquilo que(r) dizer é, e despreocupado. Com cenário gastronômico
L2 Opa, melhor ainda O comer, sempre, *quando eu falo em comer*, por exemplo, é um negócio que, que me atinge diretamente, porque em primeiro lugar, eu gosto de come(r), e mais do que isso eu gosto de prepara(r), tenho o prazer de faze(r) determinados prato. (D2/POA)

As ocorrências que escapam à ordem neutra, isto é, as orações que aparecem pospostas à núcleo, explicam-se quer por necessidades de construção tópica, quer por necessidades de acréscimo de informação. Os exemplos seguintes ilustram estas funções.

- (15) Inf . eu acho que a *televisão* é completamente diferente do que a gente assiste e lá no *teatro* não, o teatro é uma coisa que aparece, agora a *televisão* a gente vê o mínimo né? do máximo que eles fazem então no *teatro* eu acho que é é bem mais difícil eu tenho a impressão que é mais difícil porque a *televisão* é horrroso *quando eles estão fazendo programa*. (DID SP)
- (16) Loc .. porque nós não somos tão felizes de ter sempre empregada então ah . apesar que eu sou um marido muito bom porque a verba da empregada continua a ter mensalmente quer dizer... *quando a gente não tem empregada* quer dizer (D2 RJ)

O exemplo (15) constrói-se pelo contraponto de dois subtópicos, o *teatro* e a *televisão*, que se alternam ao longo desta sequência. Os itens lexicais *teatro* e *televisão*, por sua vez, aparecem sempre na posição de tópico frasal, algumas vezes como tópico marcado, outras como não-marcado. Nestas circunstâncias a anteposição da oração núcleo explica-se pela necessidade de manter a alternância entre *teatro* e *televisão* já instaurada anteriormente. Se a oração de tempo *quando eles estão trabalhando* aparecesse anteposta, romperia o paralelismo sintático e poderia afetar o processamento do tópico discursivo

Já a oração de tempo do outro exemplo caracteriza-se como um adendo motivado pela necessidade de acréscimo de informação provavelmente considerada relevante pelo falante. Observe que a classifica-

ção como núcleo é uma categorização *a posteriori* que o analista impõe aos dados. A curva entonacional final de sentença da oração núcleo, a hesitação, e o marcador discursivo (*quer dizer*) entre a oração núcleo e a oração de tempo constituem indícios de que a chamada oração núcleo foi concebida como uma unidade que deveria bastar a si própria e que a oração de tempo *quando a gente não tem empregada* constitui um legítimo adendo.

Dentro de uma outra abordagem, a da Gramática Funcional, exemplos como o último classificam-se como “cauda” (*tail*), uma das funções pragmáticas arroladas por Dik (1989). Segundo este autor, as funções pragmáticas são codificadas ou no próprio corpo ou nas extremidades da cláusula (intra e extraclause pragmatic functions). As primeiras correspondem às dimensões *tópico* e *foco* e as segundas, *tema* e *cauda*. As duas últimas são “separadas” da cláusula a que remetem por disjuntura ou contorno entonacional especial. A cauda funciona como um adendo, informação que clarifica ou modifica algum constituinte da predicação. Todavia, como lembra Siewierska (1991), ela não precisa necessariamente especificar alguma informação da predicação. Pode simplesmente providenciar informação adicional, não vinculada a um item da predicação.

Algumas vezes os falantes se valem de uma oração de tempo para explicar o significado de um termo que consideram relativamente técnico, como mostra o trecho seguinte. A codificação da explicação sob a forma de uma oração de tempo usualmente gera uma ambigüidade em nível sintático visto que se torna problemático identificar o nível de vinculação desta oração, se à outra oração, se ao termo que ela parafraseia. O trecho abaixo exhibe uma destas ocorrências:

- (17) Inf: ... pelo menos os últimos anos têm havido um acordo entre a classe patronal e a classe trabalhadora a fim de que se evite o chamado dissídio coletivo... *quando não há um acordo entre patrões e empregados, normalmente.* (DID REC)

Uma vez consideradas as funções discursivas associadas à anteposição e posposição, cumpre indagar se é possível alterar a localização das orações de tempo. Parece-me que, em vários casos, esta reversão, em sentenças descontextualizadas, é potencialmente possível, a maior ou menor facilidade da inversão decorrendo de fatores diversos. Com relação às antepostas, aquelas que apenas ancoram temporalmente a oração núcleo exibem maior mobilidade posicional, ressaltando-se, no entanto, que a mudança da posição acarretará

necessariamente uma alteração da leitura atribuída à oração de tempo. Se à função de estabelecer a referência temporal se agregar uma outra, qual seja, a de sinalizar mudança na orientação discursiva, a alteração da ordem se torna problemática. Ela é finalmente bloqueada nos casos em que a oração de tempo funciona como um tópico chinês.

Com referência às orações pospostas, também se pode falar em graus de mobilidade posicional embora as restrições à alteração da ordem sejam mais fortes. Uma vez que nesta posição elas servem para circunscrever o conteúdo ou parte do conteúdo codificado pela oração núcleo, parece "natural" que elas venham após a emissão do material que requer tal delimitação. Os impedimentos à inversão potencial da ordem, mais fracos nos casos em que a oração de tempo apenas qualifica o material da oração núcleo, tornam-se máximos em se tratando de orações de tempo que funcionam como adendos ou paráfrases de termos anteriores.

Conclusão

Neste artigo investiguei as orações de tempo no português do Brasil. Considerei inicialmente as diferentes configurações estruturais da relação proposicional de tempo e algumas de suas propriedades. Mostrei que, baseando-se no critério frequência, pode-se afirmar que a anteposição constitui a ordem não-marcada no registro oral. Por fim, examinei as correlações entre a posição e o papel textual das orações em pauta. Mostrei que aquelas que aparecem antepostas criam a moldura para o estado de coisas a ser codificado pela oração núcleo. Salientei que a esta função podem se superpor outras, tais como sinalização de mudança de orientação discursiva. Por fim, mostrei que as orações de tempo que aparecem pospostas à oração núcleo servem para qualificar, precisar o conteúdo ou parte do conteúdo proposicional expresso pelo núcleo. O fato de a maioria das orações pospostas ser concebida como adendos explica o padrão entonacional típico exibido pelo enunciado com a ordem *oração núcleo+oração de tempo*.

BRAGA, M. L. Oral discourse and time clauses. *Alfa (São Paulo)*, v.41, p.39-53, 1997.

- **ABSTRACT:** *In this paper, I examined time clauses in Brazilian Portuguese. I considered initially the different structural configurations of the propositional relation of time and some of its properties. Then, using frequency as a criterion, I asserted that anteposition constitutes the unmarked position of these clauses in oral register. Finally, I examined the correlation between position and textual role of the clauses in question. I showed that those that appear in anteposition to the nuclear clause create the temporal frame for the state of affairs to be codified by the nuclear clause. I emphasized that with this function others may overlap such as signalling discourse orientation shift and delimiting discourse topic. Finally, I showed that the time clauses which appear in postposition to the nuclear clause serve to qualify, to make the propositional contents expressed by the nuclear clause more precise. The fact that most clauses which act as qualification are conceived as afterthoughts explains the typical intonational pattern exhibited by the utterance with the nuclear clause + time clause order.*
- **KEYWORDS:** *Time clauses; anteposition; posposition; discourse functions.*

Referências bibliográficas

- BATES, E., MACWHINNEY, B. A functionalist approach to the acquisition of grammar. In: DIRVEN, R., FRIED, V. (Ed.) *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p.209-64.
- BRAGA, M. L. As orações de tempo no discurso oral. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v.28, p.85-97, 1995.
- CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In: LI, C. (Ed.) *Subjects and Topic*. New York: Academic Press, 1976. p.27-56.
- _____. The flow of ideas in a sample of written English. In: MANN, W., THOMPSON, S. (Ed.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p.1-28.
- CROCCI, M. S. *A hipotaxe adverbial temporal: uma abordagem funcionalista*. Araraquara, 1996. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- CROFT, W. *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Alves, 1976.

- DECAT, M. B N *Leite com manga, morre: da hipotaxe adverbial no português em uso*. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- DIK, S C *The Theory of Functional Grammar*. Providence. Fons Publications, 1989.
- FIRBAS, J. On the delimitation of the theme in functional sentence perspective. In DIRVEN, R., FRIED, V (Ed) *Functionalism in Linguistics* Amsterdam: John Benjamins, 1987. p.137-56
- FORD, C *Grammar in ordinary interaction*. the pragmatics of adverbial clauses in conversational English. Los Angeles, 1988. Dissertation (PhD) – University of California.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam. John Benjamins, 1995.
- GRIMES, J. E *The Thread of Discourse* The Hague. Mouton, 1975.
- HALLIDAY, M. A. K. *Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HINDS, J. Paragraph structure and pronominalization. *Papers in Linguistics*, v 10, p.77-99, 1977.
- HOPPER, P , TRAUOGOTT, E. *Grammaticalization* Cambridge Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, W. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LONGRACE, R. E. The paragraph as a grammatical unit. In: GIVÓN, T. (Ed.) *Syntax and Semantics*. New York. Academic Press, 1979. v 12. (Discourse and Syntax).
- LYONS, J. *Semantics* 1, 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MANN, W. C , THOMPSON, S. A. Relational propositions in discourse. *Discourse Processes*, v.9, p.57-90, 1986.
- MATTHIESSEN, C., THOMPSON, S A. The structure of discourse and "subordination". In: HAIMAN, J., THOMPSON, S. (Ed) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam. John Benjamins, 1988. p.275-329.
- ROCHA LIMA, C H. *Gramática normativa da língua portuguesa* 11 ed. Rio de Janeiro: F Brnquet, 1965.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge. Cambridge University Press, 1987
- SIEWIERSKA, A. *Functional Grammar* New York: Routledge, 1991.
- THOMPSON, S A. "Subordination" in formal and informal discourse In: SHIFFRIN, D (Ed.) *Meaning, Form and Use in Context: Linguistic Applications*. Washington, DC Georgetown University Press, 1984